

MODÉSTIA À PARTE

Executivos brasileiros se consideram prontos para assumir cargos de chefia

Stela Campos

De São Paulo

Autoconfiantes, boa parte dos executivos brasileiros na faixa dos 30 se considera pronta para assumir um cargo de comando imediatamente. Um dos fatores que os leva a deixar a modéstia de lado é que eles se classificam como "muito bem relacionados". Além disso, acreditam possuir o "espírito da liderança". E, embora digam que têm grande experiência em sua área de atuação, o conhecimento sobre a própria empresa é citado como um item menos relevante para credenciá-los nessa escalada para o sucesso.

Esses dados fazem parte de uma pesquisa realizada pela empresa de recrutamento **Michael Page** com 1.200 profissionais bra-

Apenas investir no networking corporativo sem ter a humildade de aprender com o tempo, portanto, pode ser um tiro no próprio pé. O período médio de permanência dos profissionais nos cargos vem caindo ano após ano, o que faz com que muitos saiam de suas empresas ou assumam novas funções sem terminar o ciclo de aprendizado naquele lugar. "Ao assumir um novo posto, o executivo deve passar por uma fase de adaptação à equipe e ao próprio trabalho. É preciso acumular experiência", diz Sabino.

Embora o estudo indique que a maior parte desses profissionais se sintam pronta para comandar, uma pequena parcela não está tão confiante. Cerca de 30% dos entrevistados afirmam que ainda precisam aperfeiçoar sua

sileiros de diversos setores da economia. No estudo, 73% ocupam cargos de alta e média gerência e 20% respondem por diretorias. O que chama a atenção é que quase a totalidade dos entrevistados afirma se sentir pronta para assumir esse desafio. "O fato de o mercado de trabalho estar altamente aquecido no país dá a eles essa segurança", diz Sergio Sabino, diretor de marketing do grupo Michael Page na América Latina.

O bom relacionamento interpessoal é o que, na visão dos entrevistados, os qualifica para ocupar os postos mais altos nas companhias. "Essa é uma característica bastante apreciada na cultura latina e os brasileiros sabem que se destacam nesse quesito", diz. Essa supervalorização das relações com pares e superiores, que aparece como vital para o desenvolvimento da carreira, entretanto, pode ser perigosa. "Para ter qualidade, ela deve ser consequência de um movimento natural das pessoas."

formação acadêmica por meio de programas de pós-graduação ou mestrado antes de se tornarem chefes. Outros admitem a necessidade de realizar cursos de especialização para lapidar suas habilidades, inclusive a própria competência de liderar. "Existe uma grande pressão do mercado nesse sentido", afirma.

Outro fator que preocupa esses profissionais é a falta de uma experiência no exterior e do domínio de um segundo idioma. Segundo o diretor, as características do líder brasileiro — que transita com desenvoltura entre vários projetos, comanda bem os times e é bastante ambicioso — são valorizadas em qualquer parte do mundo. "Nossos executivos sabem que existe a oportunidade e que é necessário investir nessa exposição internacional."

valor.com.br



Confira matéria sobre a preferência das empresas por chefes tiranos

www.valor.com.br/carreiras